

OPINIÃO PÚBLICA

Gênero: avanços, perspectivas e pendências



Lúcia Vânia

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

No último domingo, dia 18 passado, o Banco Mundial (Bird) publicou um dos mais reveladores relatórios sobre a questão de gênero no mundo.

Acompanho, com interesse, todas as discussões e pesquisas sobre o assunto como mulher sim, mas, acima de tudo, preocupada com as possíveis políticas públicas que venham ao encontro de soluções para uma efetiva igualdade de gênero.

O texto, intitulado "Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2012: igualdade de gênero e desenvolvimento" remonta há 10 anos, mais precisamente à Conferência Mundial sobre a Mulher, em Pequim, quando o Banco Mundial se comprometeu a apoiar os países a cumprirem a então chamada Plataforma de Ação, em apoio a mulheres e meninas.

Os estudos evidenciam que as disparidades entre homens e mulheres continuam, sobretudo nas oportunidades econômicas e em direitos humanos, que houve avanços em algumas áreas e que há, ainda, muito a fazer.

As desigualdades continuam ligadas, sobretudo, à questão da pobreza. Ignorar isso resulta num grande custo para as pessoas e para a capacidade de os países crescerem de forma sustentável.

A principal conclusão do relatório é de que a igualdade entre os gêneros é fundamental para o desenvolvimento e para a redução da pobreza.

Uma das autoras do estudo, Ana Revenga, chega a afirmar: "a mensagem principal é a de que a igualdade de gênero não só é importante por si mesma, mas, também, faz parte de uma política econômica inteligente".

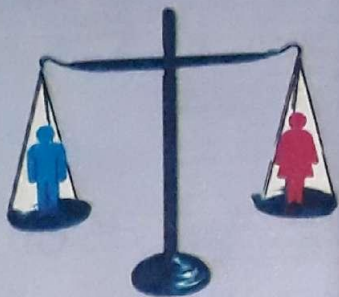
Há aspectos positivos reconhecidos na década: aumento das matrículas no ensino médio, sobretudo na América Latina, Caribe e Leste Asiático, aumento generalizado da esperança média de vida e maior participação laboral nos países em desenvolvimento.

Mas persistem disparidades.

Neste século XXI se as mulheres tiverem as mesmas oportunidades de emprego e posições de comando, assim como salários equivalentes aos dos homens, a produtividade no mundo pode ter um aumento entre 3 e 25%. Na América Latina, este ganho pode variar de 4 a 16%.

No mercado de trabalho a avanço das economias emergentes absorveu mais mulheres no mercado de trabalho. Na educação elas já são em maior número nas universidades do que os homens e tiram as melhores notas. Enquanto eles passaram de 17,7 milhões em 1970 para 77,8 milhões, elas saltaram de 10,8 milhões em 1970 para 80,9 milhões na atualidade.

No entanto, salarialmente continuam defasadas em relação aos homens, recebendo 25% a me-



"Enquanto na África do Sul e na Holanda 45% e 41% dos assentos do parlamento eram ocupados por mulheres, na Arábia Saudita não há vagas para elas"

nos no Brasil, 12% a menos na Argentina e 20% a menos no México, segundo a pesquisa.

Outro retrato do mercado de trabalho no Brasil indica que os empregadores são em maioria homens, ocupando 70% dos postos. São, também, maioria entre os trabalhadores por conta própria, com 53% de mão de obra masculina. Por outro lado, as mulheres são maioria nos empregos informais.

Há cerca de 20 dias tivemos em Brasília a Marcha das Margaridas, com a finalidade de chamar a atenção para as mulheres que trabalham no campo. Melhoras têm ocorrido, mas elas são proprietárias de apenas 11% das terras no Brasil e mais da metade delas são por herança.

A pesquisa abordou também a participação política da mulher, registrando uma desproporcionalidade pelo mundo. Enquanto na África do Sul e na Holanda 45% e 41% dos assentos do parlamento eram ocupados por mulheres em 2010, respectivamente, na Arábia Saudita não há vagas para elas. Aqui na América Latina a média é de 24%, levando o relatório a registrar a precariedade dos números no Brasil. Passamos de 5% em 1990 para 9% em 2010.

Certamente os números brasileiros vão melhorar com o registro da presença feminina no ministério Dilma Rousseff. Dos 39 postos com *status* de ministro, 10 são ocupados por mulheres, inclusive o chamado núcleo do poder, a Casa Civil e a Secretaria de Assuntos Institucionais.

Como todos percebemos, o destaque desse relatório foi, sem dúvida, a constatação de que a igualdade de gênero "pode aumentar a produtividade e melhorar os resultados de desenvolvimento para a próxima geração".

(Lúcia Vânia, Senadora pelo PSDB e jornalista)

Um homem sem medo



Olinto Meireles

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

Colega e grande companheiro da antiga União Democrática Nacional (UDN), mantenho uma amizade fraternal com Olímpio Jayme, desde os anos de 1950, quando ele iniciou sua carreira política, elegendo-se vereador e presidente da Câmara Municipal de Goiânia.

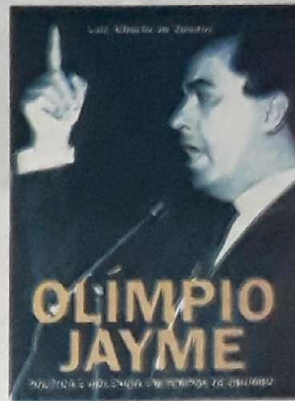
No início do ano 1962, destacou-se como líder ruralista, ao lado de Manoel dos Reis, Bebê Borges e Camargo Júnior, organizando o Movimento Democrático Ruralista, destinado à defesa da instituição democrática e ao direito de propriedade da terra, seriamente ameaçadas na época. Ainda em 1962, elegeu-se deputado estadual, com expressiva votação e destacada atuação na bancada opositora ao governo Mauro Borges.

Reeleito em 1966, Olímpio Jayme exerceu a presidência da Assembleia Legislativa, tendo o seu mandato cassado em 1969 e os direitos políticos suspensos por dez anos pelo movimento de março de 1964, do qual era um dos líderes em Goiás.

Certa vez, o governador Mauro Borges, que viajaria a Israel, enviou mensagem à Assembleia Legislativa, pedindo a necessária licença para se ausentar do País. Todavia, viajou antes da Assembleia examinar e votar o referido pedido. Na Comissão de Constituição e Justiça, pedi vista dos autos ao presidente, deputado Barbosa Reis, que a concedeu, mas fixou um prazo de quinze minutos para a devolução quando na verdade o prazo era de dez dias. Peguei o processo e disse a ele que iria gozar o prazo regimental.

Nisso, o deputado Nigel Spencieri sacou de um revólver e, apontando-o em minha direção, ordenou que devolvesse o processo. De repente, Olímpio Jayme sacou também de um revólver 38 e, apontando para Nigel, com um pé na parede da sala disse: "Pode sair com o processo deputado Olinto". Quando olhei ao lado, Elcival Caiado, também nosso colega, estava de arma em punho reafirmando a garantia. Procurei sair com o processo e assim foi cumprido o prazo legal de dez dias.

Publiquei uma série de artigo no Diário da Manhã denominados "Discursos Parlamentares", na íntegra, pronunciados na época pelos deputados, inclusive com os apertes, conforme constam dos Anais da Assembleia Legislativa, onde destacam-se os deputados da oposição ao governo Mauro Borges, notadamente



"Olímpio Jayme chamou-me a atenção pela capacidade de trabalho e visão do futuro"

te os pronunciamentos de Olímpio Jayme.

Amigos desde 1950, advogados militantes desde 1960, udenistas-lacerdistas desde 1962; colegas de bancada na Assembleia Legislativa, no período de 1963 a junho de 1964, quando fui cassado, procuradores do Estado e membros do Conselho Deliberativo da Associação Goiana de Imprensa (AGI), todas as quintas-feiras, temos o café da tarde, na sede da Associação dos Procuradores do Estado, onde discutimos política, administração pública e uma tarefa maior, de longo curso, verdadeira missão: extirpar a corrupção no serviço público.

Tenho convivido nas últimas cinco décadas com várias pessoas de destaque em Goiás, no Brasil e no exterior. Olímpio Jayme chamou-me a atenção por algumas características marcantes, como a capacidade de trabalho; a visão do futuro, coerência como cidadão e ruralista, coerência que se consolidou e se agigantou no exercício da atividade política. Olímpio Jayme é um defensor incansável dos nossos valores patrimoniais e culturais.

(Olinto Meireles, ex-presidente da UNE, Grêmio Literário Félix de Bulhões do Liceu, ex-presidente do Centro Acadêmico Onze de Maio, da Faculdade de Direito, advogado, ex-deputado estadual, ex-procurador federal, procurador do Estado aposentado, presidente do Conselho Deliberativo da Associação Goiana de Imprensa (AGI), ex-secretário do ministro da Justiça, Alfredo Nasser, ex-secretário do governo da prefeitura de Goiânia, 1.º vice-presidente da Associação dos Procuradores do Estado de Goiás (APG))



Luciana Barbosa de Freitas

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA



Simone Tuzzo

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

A mídia, a escola e a família na formação do indivíduo

maiores exemplos da indústria cultural – não possui a função de educar. Ela é entretenimento, informação, lazer, mas não educação. Há por outro lado, uma mesma quantidade de teóricos que afirmaram que a TV educa, sim. Se educa a partir dos padrões formais de educação, isso é uma outra discussão.

A verdade é que os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias informacionais modificam toda a sociedade. A partir do rádio, da TV e, mais recentemente, da Internet, os organismos sociais não são mais os mesmos. Todos os núcleos sociais se modificaram, a exemplo da igreja, da política, das relações de compra e consumo, da família e da escola, que, também como um organismo de construção da sociedade, não fica de fora dessa transformação.

Muito se tem falado que as TIC podem tomar o lugar e o papel do professor. Por outro lado, existem outros que defendem que as TIC podem ser interpretadas como aliadas, como motivadoras para possibilitar um aprendizado que esteja mais próximo da realidade do educando.

Na escola, o campo comunicacional tem papel fundamental no que tange às relações humanas; o diálogo, por exemplo, é um componente da comunicação que não pode faltar na aprendizagem humana. Já na família, como seriam as relações intrínsecas que mantêm viva a chama da vida familiar? Ambas, prescindem, *a priori*, da comunicação.

Ademais, se a escola e a família fossem lugares tão somente "puros", que não enfrentam situações proble-

"Na escola, o campo comunicacional tem papel fundamental no que tange às relações humanas"

mas diversas em suas instâncias perante a sociedade, seria possível assumir a ideia de que a mídia surge como algo que polui que prejudica e detona a vida das pessoas. Porém, sabe-se que não é bem assim.

Tanto a escola, quanto a família, cada uma ao seu modo, enfrentam dificuldades no que tange à formação plena do indivíduo enquanto cidadão. Enquanto a escola parece necessitar quebrar paradigmas, como entender que ensinar exige novos olhares frente ao mundo contemporâneo, a família enfrenta os desafios de se reinventar cada vez mais para se manter unida e presente na formação do indivíduo. Então, a mídia que tem suas peculiaridades a serem enfrentadas, e que ainda é um espaço que causa receio, deve ter em mente que ainda não teve explorado todo seu potencial formador de indivíduos. Será possível uma relação amigável? Acreditamos que sim!

É importante entender que a formação do indivíduo enquanto cidadão perpassa pelos campos das instituições familiar, escolar e também midiática. Uma vez que ela está presente no cotidiano do ser humano, contribuindo, também, com a formação do indivíduo. Impossível imaginar a vida na sociedade sem os meios de comunicação de massa. O papel da escola se reinventa então.



A existência de outras formas de aprendizado e outras fontes de informação que antes eram restritas às escolas são pulverizadas por outros organismos sociais. O papel do professor não é mais o de informante, de transmissor de dados, de facilitador de conhecimento, mais que isso ele conquista mais tempo para a discussão. Esse é o ponto fundamental da nova geração de alunos. Os dados e as informações podem ser conseguidas sob as mais variadas formas, mas isso não faz com que a figura do professor desapareça ou seja minimizada. O professor se transforma e a discussão é o ponto central da escola moderna, pois um mundo todo permeado de informações incapazes de serem absorvidas por todos, devido ao seu volume, precisa ser digerida a partir de pensamento crítico, inter-

pretativo.

O mundo carece de pessoas com vocação para interpretar dados, digerir e devolvê-los para a sociedade no formato de ciência. Esse é o nobre papel da escola. Professores e alunos num processo não mais de ensino e aprendizagem, mas de ensinagem, onde todos aprendem juntos e transformam a sociedade.

(Luciana B. de Freitas, pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) :: lubreitasgoias@yahoo.com.br e Simone Tuzzo, relações públicas, doutora em Comunicação, professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Especialização e Mestrado – da Universidade Federal de Goiás :: simonetuzzo@hotmail.com)